

# Trabalho voluntário: pesquisa-documentário mediada por tecnologias digitais para fazer, divulgar e popularizar ciências psicossociais

Volunteer work: documentary-research mediated by digital technologies to create, disseminate, and popularize psychosocial sciences

Trabajo voluntario de investigación-video-documental mediado por tecnologías digitales para hacer, difundir y popularizar las ciencias psicosociales

Ronaldo Gomes-Souza\*  

Erika Priscilla de Freitas Hounsell\*  

Júlio César Pinto de Souza\*  

Anne Caroline dos Santos Maciel\*  

Edson Lucas Silva Aquino\*  

## Resumo

O objetivo deste estudo foi documentar as vivências psicossociais de pessoas que realizam trabalhos voluntários, a partir do método da pesquisa-documentário, interagindo ciência e sociedade, com 33 participantes. Mediado por tecnologias digitais, o resultado das filmagens e dos demais materiais audiovisuais videogravados, armazenados e compartilhados, foi consistido por mais de 180 horas de formação técnica e tecnológica, construção coletiva, democrática e transdisciplinar, edição, montagem, supervisão e divulgação, ao longo de 1 ano. Os resultados permitiram discussões e aprofundamentos teórico-metodológicos tanto sobre a apropriação da linguagem audiovisual mediada pelas tecnologias digitais, para popularização da ciência, quanto nas dinâmicas subjetivas, afetivas, ético-políticas, ressignificações e vivências psicossociais que constituem engajamentos, motivações e exercício da cidadania dos que realizam trabalho voluntário. Conclui-se que a pesquisa-documentário sobre trabalho voluntário foi assertiva enquanto um método criativo e inovador de se fazer, divulgar e popularizar estudos acadêmico-científicos, no escopo das ciências humanas, com ênfase em fenômenos psicossociais.

**Palavras-chave:** trabalho voluntário; pesquisa-documentário; popularização da ciência; tecnologias digitais; audiovisual.

## Abstract

The objective of this study was to document the psychosocial experiences of volunteers using the documentary-research method, integrating science and society, with 33 participants. Mediated by digital technologies, the resulting footage and other audiovisual materials recorded, stored, and shared consisted of more than 180 hours of technical and technological training, collective, democratic, and transdisciplinary construction, editing, assembly, supervision, and dissemination over a period of one year. The results allowed for discussions and theoretical and methodological deepening on the appropriation of audiovisual language mediated by digital technologies for the popularization of science, as well as on the subjective, affective, ethical-political dynamics, resignifications, and psychosocial experiences that constitute the engagement, motivations, and exercise of citizenship of those who volunteer. We conclude that documentary-research on volunteer work was effective as a creative and innovative method for conducting, disseminating, and popularizing academic and scientific studies within the humanities, with an emphasis on psychosocial phenomena.

**Keywords:** volunteer work; documentary-research; popularization of science; digital technologies; audiovisual.

\* Universidade Federal do Amazonas, Manaus/AM – Brasil.

## Resumen

El objetivo de este estudio fue documentar las experiencias psicosociales de voluntarios mediante la investigación-vídeo-documental, integrando ciencia y sociedad, con 33 participantes. Mediadas por tecnologías digitales, las imágenes y otros materiales audiovisuales resultantes, grabados, almacenados y compartidos, constituyeron más de 180 horas de capacitación técnica y tecnológica, construcción colectiva, democrática y transdisciplinaria, edición, montaje, supervisión y difusión. Los resultados permitieron el debate y la profundización teórica y metodológica sobre la apropiación del lenguaje audiovisual mediado por tecnologías digitales para la divulgación científica, así como sobre las dinámicas subjetivas, afectivas, ético-políticas, las resignificaciones y las experiencias psicosociales que constituyen el compromiso, las motivaciones y el ejercicio de la ciudadanía de quienes realizan voluntariado. Concluimos que la investigación-vídeo-documental sobre el trabajo voluntario resultó eficaz como método creativo e innovador para la realización, difusión y divulgación de estudios académicos y científicos en el ámbito de las humanidades, con énfasis en los fenómenos psicosociales.

**Palabras clave:** trabajo voluntario; investigación-vídeo-documental; divulgación científica; tecnologías digitales; audiovisual.

## Introdução

Empatia, altruísmo, bem-estar comunitário, fortalecimento de laços sociais e valores compartilhados, aprimoramento de competências, valorização de si e do outro e exercício de cidadania são alguns fenômenos que caracterizam o trabalho voluntário (Silva; Macêdo, 2022; Oliveira-Silva; Melo Araújo; Andrade Barbosa, 2022). Entretanto, torna-se desafiador estudar e divulgar tamanhas benfeitorias psicossociais (Gomes-Souza; Tramontano, 2023), deste trabalho, que seja capaz de acompanhar as camadas de complexidade que o constituem. A forma tradicional em ciências humanas de fazer e divulgar seus estudos, isto é, entrar em contato com as pessoas, usarem elas para responder perguntas que desejamos investigar e, muitas vezes, não oferecer entrelaçamentos de saberes ou devolutiva aos participantes, acaba empobrecendo e/ou limitando tanto a valorização do processo entre ciência, sociedade e o Estado quanto o alcance dos resultados.

E, quando há devolutiva, muitos pesquisadores recorrem à forma escrita, com linguagem menos acessível, potencializando a dificuldade de compreensão, interação e reconhecimento das contribuições das pessoas nos campos que estudamos (Piccoli; Stecanelo, 2023; Viana Martins; Rocha; Forte, 2022). Isso implica na necessidade de formas metodológicas alternativas para documentar, registrar as diferentes dinâmicas, singularidades e complexidades que envolvem divulgar e popularizar estudos acadêmico-científicos nas ciências humanas e sociais, como os fenômenos psicológicos (subjetividade, afetos, formas de pensar, sentir e agir) e sociais (modos de organização ética, moral, político-econômica, história, valores, crenças), portanto, psicossociais, que envolvem o trabalho voluntário.

Além disso, presenciamos lacunas para equilibrar o tripé ensino, pesquisa e extensão nas Instituições de Ensino Superior (IES). Assim, um dos caminhos para articular e construir pontes entre a comunidade acadêmica, outras comunidades sociais e o Estado, é desenvolver meios mais participativos e com linguagem mais acessível (Santos; Silva; Bezerra, 2025; Silva Cajueiro; Gonçalves, 2022), que dão mais autonomia aos participantes, abrindo campos de fala/escuta, ampliando o protagonismo e saberes de

diferentes comunidades, tal qual é a proposta da pesquisa-documentário (Alves *et al.*, 2025; Carrijo; Rasera; Teixeira, 2021; Gomes-Souza, 2025a, 2025b).

Ela surge como uma abordagem qualitativa, de se apropriar da linguagem audiovisual, de forma coletiva, transdisciplinar e democrática, mediada pelas tecnologias digitais, na qual construímos vídeos para sensibilizar, promover reflexões e mobilizar ações em prol de melhorias públicas. Para tanto, é preciso um compromisso ético-político capaz de tanto seguir e avançar com as normas de pesquisa com seres humanos que temos no Brasil (Brasil, 2024), quanto ter uma perspectiva política na qual os sujeitos participantes podem reivindicar direitos, levantar questões econômicas, culturais, históricas e psicossociais diversas, com suas falas e diferentes imagens mostradas no vídeo, em prol de promover reflexões e mobilizar políticas públicas, mais dignidade, justiça e saúde para a comunidade que interagimos (Gomes-Souza, 2025b; Gomes-Souza; Sampaio; Tramontano, 2024).

A Constituição Federativa (Brasil, 1988) nos apresenta uma série de direitos nos quais o Estado tem o dever de garantir aos cidadãos brasileiros. Tais direitos não se reduzem a manter a nossa sobrevivência, mas, sim, uma vida digna, justa e saudável. Destacamos aqui os direitos fundamentais, como o de liberdade, igualdade, segurança, propriedade, e os sociais, como educação, saúde, trabalho, lazer, assistência aos desamparados, bem como outros direitos básicos: político, meio ambiente, proteção a grupos historicamente marginalizados e/ou mais vulneráveis a violências e desvantagens econômicas e psicossociais como crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiências, negros, indígenas, quilombolas e LGBTQIAPN+, são alguns exemplos. Entretanto, historicamente, notamos que a equitatividade ainda é um grande desafio para que o Estado alcance a diversidade e diferentes camadas de complexidade que integram os grupos sociais no Brasil. Assim, o potencial de justificativa da importância do trabalho voluntário ganha destaque ao promover mais qualidade de vida a grupos que possuem desvantagens econômicas, ambientais, afetivas, psicossociais e políticas, tornando o alcance desses direitos que não são promovidos pelo Estado realizados e/ou mais acessíveis.

Entende-se por trabalho voluntário um conjunto de ações que contribuem com outras pessoas, ou grupos de pessoas, sem ser remunerado por isso. Essas ajudas são de diferentes naturezas: alimentação, abrigo, higiene pessoal, apoio socioafetivo, distribuição de roupas e agasalhos, lazer/recreação, suporte financeiro, econômico e psicossocial, entre outros. Muitas dessas ações, com objetivos cívicos, de assistência à pessoa, culturais, educacionais e científicos não são suprimidas pelo Estado e elas são realizadas por cidadãos (e/ou grupos/organizações sem fins lucrativos) que não são pagos para promover benfeitorias a diferentes coletivos sociais, principalmente aqueles que se encontram em instabilidade e/ou vulnerabilidade socioeconômica (Brasil, 1998; Guia do Voluntário, 2023; Reinert *et al.*, 2023; Salci *et al.*, 2020).

Na revisão de Silva e Macêdo (2022) sobre trabalho voluntário as palavras e subtemas mais frequentemente encontradas foram: voluntariado, solidariedade, doação ao outro, motivação e desejo de dedicar-se ao outro, altruísmo, terceiro setor, atividade que

promove mudança individual interna, desenvolvimentos de habilidades sociais e novas competências, crescimento e satisfação pessoal, realização pessoal e engajamento que são atravessados e constituídos por múltiplas construções psicológicas e sociais (psicossociais). Os achados desta revisão corroboram com os estudos de Souza, Brech e Valério (2025), Oliveira-Silva, Melo Araújo e Andrade Barbosa (2022) e Santos e Leal (2021).

Considerando que essas práticas são fomentadas por pessoas que acabam promovendo a inclusão social em diferentes dimensões, sem remuneração monetária, afetando positivamente, transformando e, até, salvando vidas, é preciso reconhecer a diferença que o trabalho voluntário impacta tanto em quem o recebe, quanto em quem pratica. Assim, seja para a academia, seja para a sociedade e o Estado, torna-se necessária a popularização e a divulgação dessas ações, como a produção de vídeos, por exemplo, disponível em diferentes plataformas, streamings, aplicativos, com acesso à internet (Bertollo, 2024; Gomes-Souza; Lima, 2025; Viana Martins; Rocha; Forte, 2022).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2024), 72,5 milhões de residências tinham acesso à Internet (92,5%) no Brasil em 2023: em áreas urbanas, o percentual aumentou de 93,5% para 94,1% e nas rurais, de 78,1% para 81,0%. Já segundo o Centro de Tecnologia de Informação Aplicada (Fundação Getúlio Vargas, 2024) o Brasil tem 480 milhões de dispositivos digitais como computadores, notebooks, tablets e smartphones em uso corporativo e/ou doméstico, contabilizando 2,2 dispositivos digitais por habitante.

E, conforme a Associação Brasileira de Internet (2023), o Brasil é o 2º no mundo em tempo de tela, correspondendo, em média, 9 horas e 32 minutos por dia. O IBGE (2024) complementa notificando que 87,6% dos brasileiros que utilizam a internet assistem a vídeos, sendo, portanto, uma oportunidade de interação e divulgação de diferentes conteúdos (Bertollo, 2024), tornando-se oportuno para as ciências psicossociais produzirem materiais audiovisuais como uma forma simbólica e concreta para mobilizar inúmeras melhorias sociais e políticas, bem como mais dignidade e saúde aos envolvidos.

Santos, Silva e Bezerra (2025) e Colombo, Varela e Müller (2022) enfatizam o uso do audiovisual como meio de divulgação científica, assim como Gomes-Souza, Sampaio e Tramontano (2024) que, em seus estudos, defendem o audiovisual como meio de se fazer pesquisa, principalmente quando o objeto de estudo são fenômenos psicossociais. Segundo Gomes-Souza (2025a, 2025b), se apropriar da linguagem audiovisual, mediado por tecnologias digitais, nos moldes da pesquisa-documentário, é uma forma criativa e inovadora de se fazer e divulgar ciência. É um método genuíno de interagir saberes acadêmicos e não acadêmicos, ampliando espaços de fala/escuta dos participantes e das imagens criadas, podendo reivindicar mais direitos, campos de reflexão e mudanças sociais, oferecendo mais recursos e linguagem mais acessível por meio de vídeos.

Esse campo metodológico do audiovisual vai ao encontro dos fenômenos que envolvem o voluntariado e a divulgação e popularização da ciência. Nos nossos estudos, conseguimos construir uma pesquisa-documentário com 3 grupos da cidade de Manaus (Amazonas) que realizam trabalho voluntário. Foi possível criar espaços dialógicos, com os

vídeos produzidos, fazendo ciência, articulando os saberes acadêmicos e não acadêmicos, alcançando resultado capaz de divulgar as intersubjetividades construídas na pesquisa, ampliando a reflexão e alcance de ações do trabalho voluntário em linguagem audiovisual mais acessível para diferentes comunidades. Assim, objetivo deste estudo foi documentar as vivências psicossociais de pessoas que realizam trabalhos voluntários, a partir da pesquisa-documentário, interagindo ciência e sociedade.

## Método

Trata-se de pesquisa de abordagem qualitativa. Nosso intuito foi aprofundar nas interações e entrelaçamentos intersubjetivos entre pesquisadores e sujeitos participantes. Assumimos uma não neutralidade no processo de pesquisa, na qual a subjetividade dos pesquisadores e demais participantes se constituem mutuamente (Gonzalez Rey, 2003). Priorizamos a fala e demandas dos envolvidos a partir de videoentrevistas semiestruturadas, no método da pesquisa-documentário (Gomes-Souza, 2025a). As falas foram transcritas e analisadas com o suporte das orientações de Abdoucheli, Dejours e Jayet (2011), gerando categorias sobre dinâmicas do trabalho voluntário e suas relações de prazer e sofrimento.

A pesquisa-documentário consiste na construção coletiva de vídeos, mediados por tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC). As gravações são realizadas por smartphones, armazenadas e compartilhadas com todos os participantes no Google Drive, e a comunicação prévia, durante e após as filmagens, são realizadas por aplicativos como o WhatsApp, Facebook, Instagram e outros. Os materiais audiovisuais gerados são editados e montados com o auxílio de aplicativos e softwares como o Adobe Premiere e, principalmente, com versões gratuitas do Capcut e outros. Uma vez filmado, editado e montado, com idas e vindas, diálogos, supervisão, consentimentos, criatividade, muita interação e participação de todos, chegamos a uma versão final que, após aprovada e autorizada por todos os envolvidos é publicada em streamings/plataformas gratuitas, como o Youtube (Gomes-Souza, 2025b; Gomes-Souza; Lima, 2025).

Ela é coletiva, democrática e transdisciplinar porque é planejada e executada por todos, de forma horizontal: todos podem filmar/ser filmado, agregar materiais (áudios, vídeos, fotos...), mudar, retirar, acrescentar, usar sua autonomia e criatividade, voz e vez para construir o material em conjunto, no qual todas as flechas de conhecimento, acadêmico ou não, são bem-vindas e se atravessam e se constituem entre si (Carrijo; Rasera; Teixeira, 2021; Gomes-Souza, 2025a).

Na pesquisa-documentário há duas figuras centrais: o (1) sujeito-personagem, que é aquele filmado/videogravado/videoentrevistado que, em primeiro lugar, é um sujeito de pesquisa, isto é, com prioridade mais acadêmica, mas é, também, no mundo audiovisual, um personagem pois, quando integra as telas, após edições e montagens e, consequentemente, recortes de representações de suas realidades subjetivas, compartilham suas existências, vivências, saberes, experiências e resistências para aqueles que o assiste. E o (2) pesquisador-documentarista: priorizamos a pesquisa,

acadêmico-científica, mas com um recorte estético, técnico e tecnológico mais próximo da construção de um cinema documentário que se preocupa em representar a realidade cultural, política, histórica, econômica e psicossocial dos envolvidos. Documentar, aqui, é registrar as psicodinâmicas intersubjetivas e afetivas, cujos impactos estruturam tanto uma “eternização” do vídeo, no sentido de deixar gravado/marcado o material audiovisual como uma contribuição acadêmica e social para as comunidades envolvidas, quanto uma forma inovadora e criativa de se fazer, divulgar e popularizar a ciência (Gomes-Souza; Sampaio; Tramontano, 2024).

O material audiovisual em questão tem 30 minutos e 52 segundos e está disponível, gratuitamente no YouTube (link: [https://www.youtube.com/watch?v=7Ph8\\_G-yCxc](https://www.youtube.com/watch?v=7Ph8_G-yCxc)) e possui imagens diversas sobre o trabalho voluntário realizado pelos sujeitos-personagens dos 3 grupos, em Manaus. As falas e demais materiais visuais e auditivos compõem os cenários materiais e subjetivos das práticas dos grupos. Houve uma tentativa de compartilhar o tempo de tela de forma uniforme para cada grupo, em torno de 9 minutos para cada e a pesquisa-documentário é finalizada com a narrativa de um dos pesquisadores-documentaristas que descreve, analisa e demonstra, nos bastidores, alguns processos técnicos, tecnológicos, estéticos, éticos e políticos de planejamento, construção, adaptação, desenvolvimento, edição e montagem dos materiais, bem como suas impressões subjetivas e afetos sobre a construção, interação e divulgação da pesquisa e os novos sentidos e significados gerados no processo da pesquisa.

Participaram 17 pesquisadores-documentaristas e 16 sujeitos-personagens, sendo 3 participantes do Projeto Pão com Amor, 4 participantes do Projeto da Associação de Gays, Lésbicas e Travestis – Assotran e 9 participantes do Projeto Caridade Amazônica, totalizando 33 integrantes. A coleta de dados, formação teórico-metodológica, técnica e tecnológica, bem como a supervisão, foram realizadas em uma disciplina de pós-graduação em Psicologia, em uma Universidade Pública da Região Norte, e um grupo de estudos sobre pesquisa-documentário e subjetividade ao longo do ano de 2024. A disciplina teve carga horária de 60 horas e o grupo de estudos mais 60 horas. O material gravado, tempo para edição e montagem, discussão coletiva e feedback/diálogo e devolutiva para os participantes, mais 60 horas.

Nossa amostra foi por conveniência. Ao todo, tivemos contato com vários grupos que realizam trabalho voluntário em Manaus, mas selecionamos 3 para compor esta pesquisa-documentário, por questões de agenda, disponibilidade, retornos e cronograma: (1) Pão com Amor; (2) Assotram e (3) Caridade Amazônica. Não foi do nosso interesse fazer recorte de classe, gênero, idade, raça dos participantes. Portanto, as falas dos sujeitos-personagens são detalhadas e identificadas nos resultados como “Participante 1 (2, 3...)” e o grupo de trabalho voluntário ao qual pertence.

Os sujeitos-personagens foram encontrados e contactados a partir das redes sociais dos pesquisadores-documentaristas e usamos bola de neve para indicar aqueles que gostariam de participar com suas falas e imagens nos vídeos. De forma indireta, contamos com o apoio técnico e tecnológico de outros estudantes do curso de psicologia, colegas pessoais, professores e pesquisadores. De forma direta, contamos com os 16 sujeitos-

personagens que contribuíram com a edição e proposta final da pesquisa-documentário, compartilhando suas vivências psicossociais ao realizarem o trabalho voluntário em Manaus. Seguem algumas fotos de alguns sujeitos-personagens e/ou ações de suas atividades, no Quadro 1.

Realizamos a pesquisa-documentário dentro do nosso critério de inclusão e dentro das limitações técnicas, estéticas, tecnológicas, ético-políticas e teórico-metodológica do nosso coletivo. Esta pesquisa é aprovada pelo Comitê de Ética (CAAE: 78536124.7.0000.5020). O critério de inclusão foi ser maior de 18 anos, realizar trabalho voluntário em Manaus e querer ser filmado (sua imagem ser gravada e compartilhada em plataforma gratuita). Além da forma tradicional da assinatura dos termos de consentimento e uso de cessão de imagem (TCLE e TCUI), a pesquisa-documentário avança na forma tradicional de autorização e o sujeito-personagem não somente pode ver e rever seu consentimento durante todo o processo de construção e versão final do material, como tem um compromisso político fundamental para contribuir com a pesquisa-documentário. Assim, temos um compromisso ético-político que é critério para construção do material, na esperança de mobilizar políticas públicas, melhorias sociais, mais visibilidade e alcance do trabalho realizado pelos sujeitos-personagens, enquanto cidadãos de direitos, que devem reivindicar benefícios e equidades à população e ao Estado (Gomes-Souza; Lima, 2025).

Quadro 1. Prints da tela da pesquisa-documentário com ações e/ou sujeitos- personagens dos grupos “Caridade Amazônica”, “Pão Com Amor” e “Assotram”



Fonte: Acervo próprio dos autores (2025)

## Resultados e Discussões

A pesquisa se debruçou sobre o universo do trabalho voluntário na cidade de Manaus, realizado por três grupos distintos, cada um com uma abordagem e público únicos, o que nos permitiu ter uma visão abrangente sobre como o voluntariado se manifesta na região do Amazonas. O primeiro grupo, denominado “Pão Com Amor”, enfatizou a importância da solidariedade voltada para a assistência a pessoas em situação de rua, operando em horários e locais estratégicos, visando preencher lacunas governamentais por meio da ajuda social. O segundo grupo “Assotram” destacou a importância de um trabalho focado na defesa dos direitos e na promoção da saúde da população de travestis e transexuais, muitas vezes marginalizada. Por fim, o terceiro grupo “Caridade Amazônica” revelou como a fé e a superação de uma dor pessoal podem se transformar em uma ampla rede de apoio, oferecendo assistência multidimensional a comunidades vulneráveis. Nossa análise, baseada na pesquisa-documentário, busca capturar as dinâmicas psicossociais dos voluntários, que foram categorizados a seguir, a partir das falas dos sujeitos-personagens, com apoio das análises orientadas por Abdoucheli, Dejours e Jayet (2011), originando 4 categorias: (1) Motivações para o voluntariado; (2) Mobilizações subjetivas do cotidiano; (3) Reconhecimento e (4) A pesquisa-documentário como elemento mobilizador entre ciência e sociedade.

### Motivações para o voluntariado

A primeira categoria identificada nos grupos pesquisados foi a motivação para o voluntariado. As motivações para o trabalho voluntário vêm sendo estudadas sob diferentes perspectivas, como sexo, idade e espiritualidade (Carvalho et al., 2021). Souza e Medeiros (2012) classificam as motivações em cinco dimensões principais: altruísmo, amizade, afeto, ajuste e discernimento, todas evidenciadas nas falas dos participantes desta pesquisa.

Também se destacam fatores intrínsecos, como a busca por realização pessoal, altruísmo e desenvolvimento de habilidades sociais (Silva; Macedo, 2022). Alguns desses fatores intrínsecos foram identificados entre os participantes.

Nos nossos achados, o altruísmo ocupa papel central, revelando-se como uma das principais forças que sustentam o engajamento dos voluntários. A fala de um participante do Grupo Pão com Amor expressa claramente esse sentimento:

*A gente vai ali no centro ouvir uma criança, que nem ele falou, que chega com a gente, e está com fome. E você poder doar algo para aquela criança... é assim... sem explicação.* (Participante 2, Grupo Pão com Amor).

Essa fala evidencia a busca por transformar a realidade do outro e promover dignidade, marcando o voluntariado como prática de solidariedade ativa (Salci et al., 2020). Assim, o altruísmo não é somente um gesto voltado ao outro, mas também uma experiência de crescimento subjetivo, na qual o sujeito encontra reconhecimento e novo significado em sua atuação. A ação voluntária, impulsionada por essa motivação intrínseca, transcende o

ato de doação, transformando-se em “uma via de mão dupla” que modifica tanto o indivíduo quanto o meio. Ao se engajar, o voluntário não somente alivia a necessidade alheia, mas também redefine sua própria identidade e propósito como sujeito, experimentando um aumento no bem-estar subjetivo (Reinert et al., 2023).

Essa jornada de autodescoberta, alimentada pela empatia e pelo desejo de contribuir, fortalece o indivíduo com um senso de realização e pertencimento. A percepção de que está sendo útil coloca o sujeito em uma posição de agente transformador, sendo fundamental para a motivação do voluntário (Salazar; Silva; Fantinel, 2015), funcionando como potentes catalisadores para o crescimento pessoal contínuo e o fortalecimento de valores humanitários.

Caldas e Cavalcante (2025) argumentam que o voluntariado não é apenas um ato de solidariedade, mas uma plataforma para o exercício e o fomento da cidadania. Quando indivíduos se mobilizam por uma causa comum, eles criam redes de apoio que podem gerar mudanças estruturais e promover uma cultura de cooperação e responsabilidade social. Ações altruístas (Carvalho et al., 2021) e o desejo de transformação (Oliveira-Silva; Melo Araújo; Andrade Barbosa, 2022) deixam de ser atos isolados e compõem um movimento coletivo que incentiva outras pessoas a participar, ampliando o alcance do impacto positivo. Desse modo, o voluntariado se revela uma ferramenta poderosa para a construção de uma sociedade mais justa e coesa, na qual o cuidado com o próximo é um valor central.

Outra subcategoria relevante das motivações identificadas no trabalho voluntário está ligada à recompensa afetiva e ao sentido pessoal que a atividade proporciona. Para muitos participantes, o voluntariado se torna uma oportunidade de ressignificação de suas trajetórias de vida, oferecendo novos significados (Santos; Leal, 2021) e fortalecendo sua identidade. A busca por este retorno imaterial é uma força motriz poderosa, manifestada como prazer, satisfação e crescimento (Salci et al., 2020). Como relatou uma voluntária do Grupo Assotram:

*Isso [voluntariado] foi o que me fez estar viva até hoje. Porque, talvez se eu não tivesse entrado no voluntariado [...], estaria nas drogas como muitas e muitas meninas.* (Participante 1, Grupo Assotram).

Essa fala revela como o engajamento solidário pode atuar como fator protetivo, contribuindo para o bem-estar subjetivo (Reinert et al., 2023) e ajudando a reorganizar experiências pessoais marcadas por fragilidade e risco social.

No grupo da Assotram, destacou-se uma motivação predominantemente amigável, fortemente vinculada ao fortalecimento de vínculos afetivos e à construção de redes de apoio. Essa dimensão, que se alinha à motivação “fraternal” descrita por Oliveira-Silva, Melo Araújo e Andrade Barbosa (2022), possibilita que os voluntários encontrem no coletivo um espaço de troca de experiências e valores compartilhados. A construção dessas redes de afeto não somente sustenta o engajamento, mas também se torna uma das principais recompensas da atividade, criando um senso de pertencimento e comunidade vital para o bem-estar tanto dos voluntários quanto dos assistidos.

O trabalho voluntário ressalta a importância das redes de apoio e solidariedade, nas quais a cooperação e o compartilhamento de experiências desempenham um papel fundamental. O ato de voluntariar-se, muitas vezes motivado por razões “fraternas” e “altruistas” (Oliveira-Silva; Melo Araújo; Andrade Barbosa, 2022), fortalece os laços comunitários e a confiança mútua, gerando um impacto positivo no bem-estar social e psicológico dos envolvidos (Carvalho et al., 2021). As organizações de voluntariado, como as casas de apoio, funcionam como redes de suporte tanto para os beneficiários quanto para os próprios voluntários (Salci et al., 2020). Dentro desses grupos, a troca de vivências e o apoio mútuo auxiliam os voluntários a lidar com os desafios e o sofrimento que podem advir das atividades, ao mesmo tempo, em que encontram um espaço para crescimento e satisfação pessoal (Salci et al., 2020). Essa dinâmica de reciprocidade é evidente nas falas dos próprios voluntários:

*Minha motivação foi essa, de estar ajudando elas. Estou me ajudando, entendeu?*  
(Participante 2, Grupo Assotram).

*[...] quando você se coloca no lugar de uma outra pessoa, se você tem um pouco de conhecimento, se você conhece um pouco dos direitos, vê o que elas estão passando [...] eu corri atrás para que elas pudessem ter esse tipo de respeito, esse tipo de dignidade.*  
(Participante 1, Grupo Assotram).

As falas reforçam o entendimento de que a ajuda ao próximo está intrinsecamente ligada a um sentimento de autoajuda e realização, e que a empatia, ao se colocar no lugar do outro, é um motor para a ação solidária. Dessa forma, as redes de apoio no voluntariado se constroem sobre a base da colaboração e da reciprocidade, elementos que sustentam e dão significado à prática voluntária.

Como última subcategoria, aparece a espiritualidade como um valor mobilizador, que dá sentido às ações e reforça a prática voluntária como missão de vida. Nesse caso, a fé atua como fonte de energia simbólica e ética, sustentando o engajamento e fortalecendo a percepção de propósito coletivo. Oliveira-Silva, Melo Araújo e Andrade Barbosa (2022) argumentam que “motivação religiosa” é uma das cinco principais categorias que impulsionam o voluntariado no Brasil. Para eles, essa motivação é explicitamente baseada na fé e em preceitos religiosos, que incentivam a ajuda ao próximo como uma prática de devoção e cumprimento de um chamado espiritual. Essa visão é corroborada por Salci et al. (2020), que, ao estudarem voluntárias em uma casa de apoio oncológico, concluem que o trabalho voluntário está intrinsecamente ligado a “questões culturais, crenças, caridade e amor ao próximo”. Eles ampliam a ideia de uma motivação estritamente religiosa para incluir um espectro mais amplo de crenças e valores espirituais que se traduzem em atos de solidariedade. Nesse contexto, a fala do participante do “Grupo Pão com Amor” se encaixa ao dizer que:

*Ser voluntário é você amar, é você servir, é você ser luz na vida dessas pessoas necessitadas, tanto nas ruas quanto em famílias em situação de vulnerabilidade.*  
(Participante 1, Projeto Pão com amor).

Este trecho ilustra eloquentemente a conexão entre a ação (“servir”) e os princípios espirituais (“amar”, “ser luz”). O ato de voluntariar-se transcende a simples ajuda material para se tornar uma missão, uma forma de manifestar o amor e a fé no mundo. Carvalho et al. (2021) reforçam essa ideia ao apontarem os “valores pessoais” como uma motivação central. Para muitos, esses valores são diretamente moldados por suas crenças religiosas e espirituais, que pregam a compaixão e o serviço ao outro. Portanto, depreende-se que a espiritualidade não é somente um fator motivacional, entre outros, mas muitas vezes a própria fonte que dá significado à ação voluntária, transformando-a em uma prática de fé e um caminho para a realização espiritual.

A partir da discussão sobre os fatores que geram motivação no trabalho voluntário, torna-se evidente que o impulso para a dedicação ao próximo é algo multifatorial, pois longe de se limitar a um simples gesto de altruísmo, a ação voluntária é transpassada por diversos fatores que vão desde a expressão de valores religiosos até a busca por desenvolvimento pessoal, social e profissional (Oliveira-Silva; Melo Araújo; Andrade Barbosa, 2022). A compreensão de que os voluntários são movidos tanto por interesses coletivos quanto por necessidades individuais apresenta-se cabalmente. Essa interação de motivos não somente impulsiona o início da jornada voluntária, mas também sustenta sua continuidade, transformando a doação de tempo e esforço em uma fonte de bem-estar, satisfação e crescimento pessoal (Reinert et al., 2023; Salci et al., 2020). Portanto, para as organizações que dependem dessa força de trabalho devem reconhecer e valorizar essa diversidade de motivações, pois somente assim poderão fomentar um ambiente de engajamento real e duradouro, garantindo que a prática voluntária seja uma via de mão dupla, no qual o ato de ajudar enriquece tanto quem recebe quanto quem oferece a ajuda.

Todo o processo de motivação é potencializado quando transformado em material audiovisual, amplificando o alcance dos benefícios psicossociais do trabalho voluntário, reverberando positivamente para quem o praticou, quem o recebeu e qualquer pessoa que assista ao vídeo. Neste sentido, a formação e atuação na pesquisa-documentário, a partir da disciplina de pós-graduação em Psicologia, grupo de estudos e demais interações, contribuíram com elementos importantes que integram a saúde mental, uma vez que os envolvidos podem/puderam exercer, democraticamente, seu poder de fala, criatividade e autonomia, sentindo-se valorizados, reconhecidos. Aqui, eles são protagonistas da própria história, ampliando a visibilidade e reflexão das ações do voluntariado para comunidades diversas, mantendo o compromisso da cidadania e inclusão social, nas quais o Estado tem dificuldades de garantir para diferentes grupos, em especial aos que são mais vulneráveis político-economicamente (Gomes-Souza; Lima, 2025).

### **Mobilizações subjetivas do cotidiano**

O segundo tópico de discussão surge a partir da evidência de que o trabalho voluntário pode mobilizar a subjetividade do cotidiano do voluntário de maneiras diversas, reconfigurando a relação do indivíduo com seu tempo, seus afetos e suas redes de apoio. Salci et al. (2020) argumentam essa dinâmica, explicando como a doação de si ao outro

interfere na vida pessoal, fortalece laços colaborativos e permite a ressignificação de experiências de dor. A análise dessa mobilização pode ser discutida a partir de três subcategorias: a conciliação entre a vida pessoal e o voluntariado, a construção de redes de apoio e colaboração e o processo de transformação do sofrimento em prazer e crescimento pessoal.

A conciliação entre a vida pessoal e a dedicação ao voluntariado surge como um desafio que mobiliza a subjetividade dos voluntários, exigindo uma reorganização de suas rotinas e prioridades de vida. Na fala da Participante 1, do Projeto Assotram, percebe-se essa relação: “Faço as coisas da associação e lá mesmo, lá em casa, eu cuido da minha casa, limpo, arrumo, faço a minha comida [...].” Assis e Carneiro (2015) afirmam que, embora o voluntariado seja frequentemente idealizado, ele não está isento dos problemas encontrados no trabalho remunerado, incluindo a sobrecarga e o conflito com a vida pessoal. Para superar essa sobrecarga, o engajamento vem do crescimento e prazer pessoal na doação ao outro, sugerindo que os benefícios subjetivos superam os custos da conciliação (Salci et al., 2020). Já Reinert et al. (2023) foca na influência do voluntariado no “bem-estar subjetivo”, propondo que a dificuldade de conciliar as agendas é mediada pela percepção de uma melhora na qualidade de vida. Nessa conciliação de vida pessoal e voluntariado, percebe-se que a gestão do tempo e das responsabilidades no voluntariado não é somente uma questão prática, mas um processo subjetivo continuado de negociação de sentidos, no qual o prazer é encontrado na atividade e no sacrifício pessoal.

Uma segunda subcategoria foi “redes de apoio e colaboração” a qual se constitui como um dos pilares que sustenta a prática voluntária e mobiliza a subjetividade por meio do fortalecimento de vínculos e do sentimento de pertencimento. A Participante 1, do Projeto Caridade Amazônica, diz em sua fala que “Para facilitar a minha forma de doação, eu fiz um grupo entre amigos, então esses amigos me doam para que eu possa doar também.” Neste contexto, Salazar, Silva e Fantinel (2015) e Silva e Macêdo (2022) destacam que a interação em grupo favorece as relações sociais e se torna uma fonte de prazer para os voluntários. Aqui, a dimensão coletiva do voluntariado é essencial para que os participantes utilizem estratégias de defesa para lidar com as adversidades (Assis; Carneiro, 2015).

Nesse contexto, Caldas e Cavalcante (2025) destacam que o trabalho voluntário é uma forma real de cidadania e engajamento cívico, pois o desejo de dedicar-se ao outro é um motor para a criação de laços (Salci et al., 2020). Assis e Carneiro (2015) ainda argumentam que a sustentabilidade dessa prática depende das redes de apoio, afirmando que o grupo de voluntários funciona como um suporte essencial que protege os indivíduos contra os riscos e o sofrimento inerentes à atividade. Assim, depreende-se que as redes de apoio no voluntariado transcendem o simples suporte interpessoal, tornando-se espaços de construção de uma identidade coletiva e de conexão com os sentimentos de outras pessoas que dão sentido à continuidade e sentimento de cooperação do trabalho.

A transformação do sofrimento em prazer e crescimento é a mais simbólica das mobilizações subjetivas operadas pelo trabalho voluntário. Dejours (2015) argumenta que o trabalho é um espaço onde existe o sofrimento, mas também pode gerar ressignificações.

A seguinte fala “O tempo é corrido, mas tudo dá certo no final” da Participante 2, do Projeto Assotram, representa essa ideia de ressignificar o sofrimento, quando algo em prol de alguém que necessite é realizado pelo trabalho voluntário. Salci *et al.* (2020) argumentam que o voluntariado pode gerar sentimentos de sofrimento e impotência, entretanto, estes são superados pela satisfação pessoal na doação. Essa transformação é bem explicada por Dejours (2015), o qual diz que o sofrimento se torna patogênico quando as possibilidades de adaptação e transformação estão bloqueadas e que o reconhecimento do trabalho é um fator importante para a ressignificação. Salci *et al.* (2020) reforçam que no voluntariado, a liberdade de expressão e a utilidade social do trabalho permitem uma descarga psíquica e a conversão da dor em realização.

A partir da discussão da mobilização subjetiva, inferimos que o voluntariado se apresenta como um campo fértil para a psicodinâmica do trabalho, no qual o confronto com o sofrimento alheio, em vez de paralisar, mobiliza o sujeito a encontrar um sentido para sua ação, transformando a experiência das fontes de sofrimento e/ou da dor em um potente vetor de crescimento e prazer. A mobilização subjetiva advinda do trabalho voluntário fortalece o investimento em estratégias alternativas de se fazer e divulgar ciência. Essa seção evidencia como as dinâmicas psicosociais dos sujeitos-personagens que realizam trabalho voluntário, aliados à perspectiva acadêmica, técnica e tecnologia da pesquisa-documentário avançam na popularização da ciência, ao possibilitar práticas coletivas e de entrelaçamentos de saberes, subjetividades e afetos, dentro de um campo ético-político, para reflexão crítica sobre lacunas e desafios sociais, mobilizando novas políticas públicas para mais justiça, dignidade e saúde (Gomes-Souza; Sampaio; Tramontano, 2024).

## **Reconhecimento**

Os resultados da pesquisa indicaram que o reconhecimento no trabalho voluntário pode se manifestar em diferentes esferas, do agradecimento direto do beneficiado à reconfiguração da autoestima do voluntário, sendo um elemento central para a continuidade e o sentido dessa prática, reconhecimento é como um julgamento sobre o trabalho realizado essencial para a saúde mental do trabalhador e para a transformação do sofrimento (Dejours, 215). A análise do reconhecimento pode ser dividida em quatro subcategorias: o reconhecimento gerado pelo beneficiário, o reconhecimento social e a visibilidade, o reconhecimento interno (autoestima e sentido da vida) e as consequências da sua ausência, que podem levar à sobrecarga.

O reconhecimento expresso diretamente pelo beneficiário do trabalho voluntário é uma das mais poderosas fontes de validação e prazer. Essa forma de reconhecimento, focada no julgamento de utilidade do trabalho, confirma que o esforço do voluntário teve um impacto real e positivo. Salazar, Silva e Fantinel (2015) afirmam que essa ação voluntária beneficia diretamente o outro e, como consequência, gera um reconhecimento social pela atividade realizada, gerando prazer que ajuda a equilibrar o sofrimento inerente ao cuidado. Salci *et al.* (2020) complementam, destacando que a motivação dos voluntários está ligada ao desejo de dedicar-se ao outro, e o retorno positivo dessa dedicação reforça

a satisfação pessoal na doação ao outro, materializando o propósito altruísta que inicia a jornada voluntária. O reconhecimento do beneficiário, então, é a forma mais concreta e imediata de validação, potencializando afetos positivos que permitem ao voluntário enfrentar as adversidades e ressignificar o próprio trabalho como útil e necessário.

O reconhecimento social e a visibilidade conferem um julgamento de beleza ao trabalho voluntário, validando não somente a sua utilidade, mas também a sua qualidade e conformidade com as regras da arte, do cuidado e da cidadania. Em contraponto, a ausência de reconhecimento social pode ser problemática. Dejours (2015) alerta que, quando o trabalho não é reconhecido, a relação com o real se desestabiliza. No contexto do voluntariado, o sentimento de cooperação do voluntário está atrelado à ideia de que suas pequenas ações geram grandes resultados. Portanto, a incapacidade de enxergar o impacto de seu esforço no bem-estar coletivo pode levar à frustração com a prática cidadã, resultando em um sentimento de inutilidade que desmotiva o engajamento contínuo (Caldas; Cavalcante, 2025). Entretanto, Dejours (2015) comenta que o reconhecimento social não é somente sobre status, e sim sobre a confirmação da contribuição do indivíduo para a obra comum, o que é fundamental para a identidade. O reconhecimento social, embora menos direto que a gratidão do beneficiário, é fundamental para a manutenção do voluntariado a longo prazo, por inserir a prática num contexto mais amplo de valor social e valida o saber-fazer do voluntário perante a comunidade.

Ao tratar do reconhecimento interno, reitera-se que a forma mais forte de reconhecimento é por meio de uma mobilização interna profunda a qual impacta diretamente a autoestima e a busca por um sentido para a vida. Esta forma de reconhecimento não depende, obrigatoriamente, de um retorno externo, mas da capacidade de sentir e refletir as emoções de outra pessoa por meio da atividade voluntária, experimentando os valores e a identidade do indivíduo. Reinert et al. (2023) destaca que o engajamento para o voluntariado influencia diretamente o bem-estar subjetivo, indicando que a prática voluntária é uma via para o autoconhecimento e a autorrealização. De forma semelhante, Carvalho et al. (2021) apontam a melhoria da autoestima como um dos reflexos positivos da prática. Santos e Leal (2021) argumentam que o sentido pessoal do trabalho voluntário está ligado a questões existenciais profundas. Percebe-se que o reconhecimento interno é a chave do engajamento duradouro. A capacidade do trabalho voluntário de fortalecer a identidade e dar sentido à vida do indivíduo é o que o torna uma experiência transformadora e resiliente.

Por um outro prisma, se o reconhecimento propicia incentivo ao trabalho voluntário, a falta de reconhecimento, combinada com as dificuldades inerentes à atividade, pode levar à sobrecarga e ao sofrimento patogênico. Quando o esforço não é validado, seja pelo beneficiário, pela organização ou pela sociedade, o trabalho perde seu sentido e o sofrimento se torna patológico. Salci et al. (2020) identificam entraves no trabalho voluntário e sentimentos de sofrimento e impotência que podem aparecer quando o voluntário se sente desamparado ou invisível. Em seu trabalho, Dejours (2015) alega que a ausência de reconhecimento bloqueia a retribuição simbólica pelo engajamento, deixando o indivíduo apenas com o peso do desgaste físico e psíquico. A ausência de reconhecimento, então,

torna-se corrosiva, invalidando a contribuição do voluntário, deixando-o vulnerável à exaustão, demonstrando que, mesmo em uma atividade não remunerada, o reconhecimento é uma necessidade humana fundamental para a saúde mental e para a sustentabilidade do próprio ato de doar-se.

### **A pesquisa-documentário como elemento mobilizador entre ciência e sociedade**

A produção da pesquisa-documentário sobre trabalho voluntário mobiliza reflexões significativas para a construção e fortalecimento de pontes entre o estado, a universidade e a comunidade. Ao apresentar as vivências e os impactos do trabalho voluntário no formato audiovisual, a pesquisa-documentário pode ser utilizada como ferramenta potente para sensibilizar gestores públicos e subsidiar a demanda por um Estado mais responsável. As histórias de superação, os desafios enfrentados e as soluções encontradas pelos voluntários podem servir como um guia para a criação e reformulação de políticas públicas mais eficazes e direcionadas a populações vulnerabilizadas.

A universidade, ao se engajar na construção de novas ferramentas para a produção de conhecimentos acessíveis à comunidade, encontra no método da pesquisa-documentário um instrumento que permite a coleta de dados qualitativos ricos e contextualizados para subsidiar pesquisas futuras, desenvolver novas teorias e formar profissionais mais conscientes e engajados com as realidades sociais. Nesse contexto, a compreensão das motivações e dificuldades dos trabalhadores voluntários e suas singularidades e complexidades subjetivas, simbólicas e afetivas possibilitam o enriquecimento dos estudos sobre engajamento cívico e sustentabilidade de projetos sociais.

A própria realização de uma pesquisa-documentário convoca a colaboração entre pesquisadores (universidade) e voluntários (comunidade) na sensibilização de representantes do Estado. Esse processo colaborativo pode fomentar o diálogo, a troca de experiências e a construção de soluções conjuntas para os problemas sociais. Ao documentar essas vivências, a pesquisa não somente informa, mas também inspira e mobiliza, incentivando a participação cívica e o apoio a iniciativas voluntárias.

Nas telas, as narrativas coletadas durante a produção do audiovisual revelam a profundidade e a diversidade das motivações e experiências dos trabalhos voluntários. Identifica-se entre os participantes dos projetos pesquisados a capacidade de sintetizar o espírito do voluntariado, atribuindo o sentido do trabalho voluntário, externalizado como um ato político de amor, dentre outros afetos positivos, e um propósito de vida focado em servir, apoiar e levar esperança àqueles que se encontram em vulnerabilidade, cumprindo, mesmo que parcial e/ou simbolicamente, o papel que o Estado deveria dar acesso, pela Constituição Federal, ao tentar garantir os direitos fundamentais, sociais e outros (Brasil, 1988). Esta ação envolve incertezas enfrentadas pelos voluntários, especialmente relacionadas à sustentabilidade dos projetos.

*Ser voluntário é você amar, é você servir, é você ser luz na vida dessas pessoas necessitadas, tanto nas ruas ou em famílias em situação de vulnerabilidade. [...] A vida é*

*um propósito. E esse aqui é o meu propósito, o propósito dos voluntários que participam, que é servir essa galera, sabe, com amor, com alimento, com uma palavra de incentivo. [...] Como a gente trabalha como voluntariado, a gente não tinha nada certo daquilo que a gente tinha para receber, e isso mexia muito comigo psicologicamente. (Participante 1, Projeto Pão com Amor).*

Ao registrar as narrativas e experiências dos voluntários, a pesquisa-documentário oferece uma ferramenta para amplificar as vozes da comunidade. Isso é crucial para as políticas públicas serem (re)formuladas com base nas reais necessidades e desafios enfrentados pelas populações, evitando soluções genéricas e ineficazes. As falas das voluntárias da Assotram expõem as lacunas do poder público e a importância do apoio institucional. Uma delas enfatiza o papel do voluntariado em preencher lacunas deixadas pelo poder público, oferecendo dignidade e acesso a direitos básicos. As reflexões promovidas durante a pesquisa apontam para a necessidade de maior sensibilidade e apoio institucional para o trabalho voluntário, reconhecendo seu potencial transformador, ou seja, o poder do voluntariado em resgatar indivíduos de situações de marginalização e vulnerabilidade, oferecendo esperança e um caminho para uma vida melhor.

*O que a sociedade não consegue, o que as políticas públicas não conseguem, digamos, o que o governo não consegue, o que a prefeitura não consegue, a gente tenta levar para as pessoas... um pouco dessa dignidade, uma entrada para o trabalho, uma entrada para a escola, segurança, saúde principalmente. [...] A gente precisa desse apoio. A gente precisa de pessoas dentro da secretaria que tem essa sensibilidade. Não importa a secretaria, qualquer secretaria de educação, cultura, de segurança, de empregabilidade, que nos olhe e que dê essa força. [...] Saber que a gente pode tirar essa menina lá da margem, porque nós estamos num gueto, estamos na escuridão, e trazer pra luz. (Participante 1, Projeto Assotram).*

A participante 1, da Assotram, complementa que, por mais que há políticas que viabilizam a entrega gratuita de preservativos em postos de saúde, por exemplo, algumas profissionais do sexo não vão, por vergonha, medo de serem discriminadas ou violentadas ou outras dificuldades de mobilidade urbana e financeiras de deslocamento. Assim, o trabalho voluntário da Assotram, em uma das suas ações, de entrega de preservativos direto nos pontos estratégicos da cidade onde mulheres profissionais do sexo (principalmente trans, mas, também, travestis, cis e outras possibilidades de identidade de gênero), apesar da facilidade do Estado pela gratuidade em locais específicos (de saúde), alcançam esse grupo social, promovendo suporte da proteção (saúde, entrega do preservativo) que é, também, um tido como um campo de afeto, de suporte psicossocial.

Dentre as falas compartilhados, destaca-se o da voluntária do projeto do Caridade Amazônica ao abordar a reciprocidade do voluntariado, no qual o ato de auxiliar o outro também traz benefícios e crescimento pessoal para o voluntário, ilustrando o voluntariado como um processo de renovação e superação pessoal, especialmente em momentos de dificuldade.

*Minha motivação foi essa, de estar ajudando elas. Estou me ajudando, entendeu? [...] O voluntariado, pra mim, eu acho que depois de tanto tempo, né? Depois de tantos altos e baixos, principalmente baixos, acho que pra mim significa o renascimento. (Participante 2, Projeto Assotram).*

Diante do exposto, a pesquisa-documentário apresentada se consolida como uma ferramenta de conexão e transformação, potencializando e fortalecendo perspectivas concretas entre ciência e sociedade. Ao dar visibilidade aos voluntários, a partir de um canal contra-hegemônico científico, que é o audiovisual, o estudo transcende o âmbito acadêmico, oferecendo uma ponte direta de sensibilização para o poder público e sociedade civil. As falas e experiências aqui documentadas servem como um alerta, dando mais voz e voz a comunidades silenciadas e mostrando que o voluntariado é um pilar de resiliência, resistência e esperança, capaz de preencher as lacunas do Estado e promover a dignidade. O impacto social e pessoal revelado nas narrativas presentes na pesquisa-documentário, mediada pelas TDIC, sugere a necessidade de olhares mais sensíveis e apoios institucionais que reconheçam o valor desses esforços.

## Considerações Finais

Este estudo apresentou as dinâmicas do trabalho voluntário em Manaus, revelando que a motivação para tal prática é multifacetada e não está limitada ao puro altruísmo. Os principais pontos abordados demonstram que os voluntários são impulsionados por uma combinação de fatores, incluindo a busca por recompensas afetivas, o fortalecimento de laços sociais e comunitários, e a expressão de valores religiosos/espirituais.

A análise da mobilização subjetiva mostrou que o voluntariado reconfigura o cotidiano dos participantes, exigindo a conciliação com a vida pessoal, mas também gerando redes de apoio essenciais e permitindo a transformação do sofrimento em crescimento pessoal. O estudo destacou o papel central do reconhecimento como um elemento indispensável para a sustentabilidade da ação voluntária e para a saúde mental dos envolvidos, cuja ausência pode levar à sobrecarga e à exaustão.

A pesquisa-documentário sobre o trabalho voluntário é o grande destaque e avanço deste estudo, demonstrando o poder da apropriação da linguagem audiovisual, mediado pelas TDIC, ao transformar-se em uma ferramenta de engajamento e interação coletiva, democrática e transdisciplinar (ao reconhecer e permitir os entrelaçamentos de todas as flechas de conhecimento, acadêmico, ou não), dando mais visibilidade aos voluntários, gerando novos conhecimentos e reflexões relevantes sobre o tema, conscientizando e sensibilizando o Estado e diferentes comunidades que o constituem. As falas dos voluntários são um testemunho vivo de resistência e resiliência do propósito e do impacto transformador do trabalho voluntário, e a pesquisa-documentário é o veículo que amplifica essas dinâmicas psicossociais reais e simbólicas, tornando-as mais acessíveis e influentes para todos os setores da sociedade, potencializando e concretizando mobilizações entre ciência e sociedade, a partir de ações de participação cidadã, protagonismo, autonomia, saúde mental e inclusão social.

Apesar da robustez dos achados da pesquisa, este estudo possui limitações. Por ser uma pesquisa de abordagem qualitativa e focada em grupos específicos da cidade de Manaus, a investigação não permite a generalização dos resultados para o universo do voluntariado em outras regiões do país, que podem apresentar contextos socioculturais

distintos. Além disso, o estudo oferece um retrato transversal das experiências, não acompanhando os voluntários ao longo do tempo para analisar possíveis mudanças em suas motivações e percepções, nem aprofunda a perspectiva dos próprios beneficiários sobre o impacto dessas ações.

Mediante às limitações supramencionadas, os resultados desta pesquisa abrem diversas possibilidades para investigações futuras. Como proposta, sugere-se realizar estudos comparativos entre diferentes capitais brasileiras para mapear as semelhanças e diferenças nas motivações e desafios do voluntariado ao nível nacional, bem como aprofundar em recortes de gênero, raça, classe e outras interseccionalidades que constituem as singularidades de diferentes grupos sociais do Brasil, principalmente aqueles que não têm ou têm menos acesso aos direitos que, supostamente, deveriam ser garantidos pelo Estado e são realizados a partir de trabalhos voluntários. Pesquisas quantitativas poderiam mensurar a prevalência dos fatores motivacionais aqui identificados e correlacioná-los com o tempo de engajamento e os níveis de bem-estar dos voluntários. Investigações futuras poderiam também focar no impacto da ausência de reconhecimento nas taxas de evasão em projetos sociais, oferecendo subsídios para as organizações desenvolverem estratégias de valorização mais eficazes.

Como encaminhamentos finais, essa pesquisa-documentário compõe um canal de comunicação concreto de pontes entre Universidade, Estado e comunidade. Nós doamos esse material à Secretaria de Cultura e Economia Criativa, fazendo jus à sua articulação e compromisso com o tripé ensino, pesquisa e extensão. Ainda, os envolvidos já apresentaram os resultados em rodas de conversa e exibições de mostras audiovisuais na comunidade e eventos acadêmicos, compartilhando suas experiências e mantendo, também, o compromisso da criatividade e inovação de divulgação do material gerado. Como consequência, essa e outras pesquisas-documentários integram um projeto de extensão sobre saúde mental de trabalhadores amazônicos e o audiovisual enquanto tecnologias educacionais e sociais, sendo premiado no Circuito Amazônico de Extensão, comprovando seu impacto acadêmico e social.

## Referências

ABDOUCHELI, Elisabeth; DEJOURS, Christophe; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho:** contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2011.

ALVES, Eliane; GOMES-SOUZA, Ronaldo; BARROS, Valexa Moraes de; COSTA, Lilianny Carvalho de Oliveira; SILVA, Mariana Rosa Rocha da. Resistências e ressignificações de vivências de racismo: formação criativa em pesquisa-documentário. **Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 1, p. 1061-1084, 2025. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/19115>. Acesso em: 31 ago. 2025.

ASSIS, Daniela Tavares Ferreira; CARNEIRO, Carla Maria Santos. A prática do trabalho voluntário em um ambiente que ofereça condições dignas e favoráveis à saúde do trabalhador. **Revista de Direito do Trabalho e Seguridade Social**, São Paulo, v. 41, n.

165, p. 69-86, set./out. 2015. Disponível em:  
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/hendu/article/view/2617>. Acesso em: 16 ago. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERNET. **Brasil é o 2º no mundo em tempo de tela: 9h32 por dia.** 2023. Disponível em: <https://www.abranet.org.br/publicacoes/noticias/4627>. Acesso em: 15 ago. 2025.

BERTOLLO, Mait. Internet e telefonia móvel no Brasil: qualidade e densidade das redes no território. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, São Paulo, n. 64, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/59279>. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa Do Brasil**. 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituciona/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituciona/constituicao.htm). Acesso em: 23 ago. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998**. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. Brasília, DF, fev. 1998. Disponível em: <https://www.guiatrabalhista.com.br/legislacao/l9608.html>. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.874, de 28 de maio de 2024**. Dispõe sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Brasília, DF, maio. 2024. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2023-2026/2024/lei/l14874.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14874.htm). Acesso em: 30 jun. 2025.

CARRIJO, Gilson Goulart; RASERA, Emerson Fernando; TEIXEIRA, Flávia B. Aonde isso vai parar? Desafios éticos na pesquisa-documentário com travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 61, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/XfxZqg5SGSLVcBYTr8FJk4H/?lang=pt>. Acesso em: 15 set. 2025.

CALDAS, Patrícia Trindade; CAVALCANTE, Carlos Eduardo. "Pequenas ações, grandes resultados": relações entre voluntariado e cidadania. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 27, n. 63, p. 1-28, maio/ago. 2025. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/68172>. Acesso em: 13 set. 2025.

CARVALHO, Rayane Figueiredo Silva Moreira; MORAES FERREIRA, Júlia; SOUZA LEITE, Yasmim de; FERNANDES DA SILVA AZEVEDO RIOS, Natalia. Saúde e voluntariado. **Revista Científica da Faculdade de Medicina de Campos**, Campos dos Goytacazes, v. 16, n. 2, p. 98-106, 2021. Disponível em: <https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/362>. Acesso em: 25 ago. 2025.

COLOMBO, Macri Elaine; VARELA, Ulysses Nascimento; MÜLLER, Fabrise Oliveira. Ciência audiovisual na rede: um caso de apropriação de divulgação científica pelo canal Ciência Todo Dia no YouTube. **Revista Signos**, Lajeado, v. 43, n. 2, p. 186-201, 2022. Disponível em: <https://www.univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/3245>. Acesso em: 13 ago. 2025.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho:** Estudo de psicopatologia do trabalho. Trad. Ana Izabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 6. ed. São Paulo: Cortez: Oboré, 2015.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Pesquisa revela que Brasil tem 480 milhões de dispositivos digitais em uso, sendo 2,2 por habitante.** 2024. Disponível em: <https://portal.fgv.br/noticias/pesquisa-revela-brasil-tem-480-milhoes-dispositivos-digitais-uso-sendo-22-habitante>. Acesso em: 02 set. 2025.

GOMES-SOUZA, Ronaldo. Pesquisa-documentário e desafios ético-políticos na formação e processos interventivos em psicologia do trabalho. In: ASSUNÇÃO, Alfredo; GUIMARÃES JUNIOR, Sergio Dias; SOUZA, Nahan Rios Alves de Andrade Moreira de (org.). **Psicologia e trabalho digno:** desafios ético-políticos e enfrentamentos na contemporaneidade. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro (CRP-RJ), 2025a. p. 279-299.

GOMES-SOUZA, Ronaldo. Psicologia do trabalho e pesquisa-documentário: contribuições teórico-metodológicas. In: GOMES-SOUZA, Ronaldo et al. (org.). **Subjetividade, trabalho e saúde:** aproximações entre práticas e saberes nos contextos amazônico e latino-americano. São Paulo: Pimenta Cultural, 2025b. p. 284-316.

GOMES-SOUZA, Ronaldo; LIMA, Kézia Sousa. Subjetividades e afetos na pesquisa-documentário com estudantes universitários que trabalham. **Revista Interfaces: Saúde, Humanas e Tecnologia**, Juazeiro do Norte, v. 13, n. 1, p. 5070-5083, 2025. Disponível em: <https://interfaces.unileao.edu.br/index.php/revista-interfaces/article/view/2153/1212>. Acesso em: 25 jul. 2025.

GOMES-SOUZA, Ronaldo; SAMPAIO, Cláudia Regina Brandão; TRAMONTANO, Marcelo Claudio. Psicologia Indígena, ou a construção de um lócus de mediação. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 41, p. 1-19, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/bNnm4bcZDC3kwYZd3Mzsk9r/?lang=p>. Acesso em: 25 ago. 2025.

GOMES-SOUZA, Ronaldo; TRAMONTANO, Marcelo Claudio. Subjetivação e riscos psicossociais da uberização do trabalho nas dinâmicas territoriais. **Cadernos Metrópole**, v. 26, n. 59, p. 143-167, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/61255>. Acesso em: 15 ago. 2025.

GONZALEZ REY, Fernando. **Sujeito e Subjetividade.** 1 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2003.

GUIA DO VOLUNTARIADO. **Guia do voluntariado.** 2023. Disponível em: <https://voluntarios.com.br/media/docs/guia-voluntariado-v1.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **92,5% domicílios tinham acesso à Internet no Brasil.** 2024. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21581-informacoes-atualizadas-sobre-tecnologias-da-informacao-e-comunicacao.html>. Acesso em: 21 ago. 2025.

OLIVEIRA-SILVA, Ligia Carolina; MELO ARAÚJO, Marley Rosana; ANDRADE BARBOSA, Isabelle Haaiara. Motivação para o trabalho voluntário: proposição de um modelo comprehensivo. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Rosário/PRY, v. 40, n. 2, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/record/2023-53292-008>. Acesso em: 14 jul. 2025.

PICCOLI, Marcia Speguen de Quadros; STECANELA, Nilda. Popularização da ciência: uma revisão sistemática de literatura. **Educação e pesquisa**, v. 49, p.1-20, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ep/article/view/210734>. Acesso em: 12 ago. 2025.

REINERT, Paulo Sérgio; PATRÍCIO, Giovanni Augusto; KROENKE, Adriana; ZUCCO, Fabricia Durieux; BONA, Rafael José; BUSNELLO, Vinícius Eduardo Ignácio. Motivações para o trabalho voluntário e sua influência no bem-estar subjetivo durante a pandemia COVID-19. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 28, n. 2, p. 80-99, 2023. Disponível: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/rn/article/view/11120>. Acesso em: 30 ago. 2025.

SALAZAR, Kássia de Aguiar; SILVA, Alfredo Rodrigues Leite da; FANTINEL, Letícia Dias. As relações simbólicas e a motivação no trabalho voluntário. **RAM, Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 171-200, 2015. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/RAM/article/view/6871>. Acesso em: 07 set. 2025.

SALCI, Maria Aparecida; CASADO, Jéssica Manari; WAKIUCHI, Julia; PAIANO, Marcelle; CHARLO, Patrícia Bossolani; SALES, Catarina Aparecida. Significando o trabalho voluntário em casa de apoio oncológica. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 4, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://scite.ai/reports/significando-o-trabalho-voluntario-em-9OKWm1v2>. Acesso em: 01 set. 2025.

SANTOS, Alessandra A. dos; SILVA, Tainá Alexandre Araújo da; BEZERRA, Yan Silveira Bezerra Yan Silveira. A popularização da ciência em rede social: um relato de experiência. **Revista Extensão**, Tocantins, v. 9, n. 3, p. 128-134, 2025. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/9750>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SANTOS, Michelle Aparecida Ferreira dos; LEAL, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez. O sentido pessoal do trabalho voluntário: uma análise de relatos de voluntários de uma instituição de longa permanência para idosos. **Contradição - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas e Sociais**, Maringá, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://revista.unifatec.br/index.php/revcontrad/article/view/54>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SILVA CAJUEIRO, Dayanne Dailla da; GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. Divulgação e popularização da ciência na FEBRACE: uma análise do incentivo à cultura científica de clubes de ciências no Pará. **Actio: Docência em Ciências**, v. 7, n. 1, p. 1-23, 2022. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/actio/article/view/14281>. Acesso em: 05 set. 2025.

SILVA, Rafael Domenciano; MACÊDO, Kátia Barbosa. O trabalho voluntário uma revisão. **Brazilian Journal of Health Review**, São José dos Pinhais, v. 5, n. 2, p. 7947-7960, 2022. Disponível em:

<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/issue/view/166>. Acesso em: 23 ago. 2025.

SOUZA, Matheus Novaes de; BRECH, Guilherme Carlos; VALÉRIO, Anegreice. Contribuição do trabalho voluntário para a formação humanizada do profissional de saúde. **Revista Acadêmica Online**, Curitiba, v. 11, n. 56, p. 1-20, 2025. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/1384>. Acesso em: 27 set. 2025.

SOUZA, Washington José; MEDEIROS, Jássio Pereira. Trabalho voluntário: motivos para sua realização. **Revista de Ciências da Administração**, Florianópolis. v. 14, n. 33, p. 93-102, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2012v14n33p93>. Acesso em: 23 ago. 2025.

VIANA MARTINS, Allysson; ROCHA, Juliana; FORTE, Vanessa. Divulgação científica e popularização do conhecimento nas redes sociais: produção e circulação dos conteúdos do projeto MíDlvulga do@ lab. Midi. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília/DF, v. 13, n. 31, p. 23-35, 2022. Disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/490>. Acesso em: 23 ago. 2025.